

## EM BUSCA DE OBRAS ROUBADAS

**Vera Lucia de Azevedo Siqueira**

*Museóloga/UNIRIO, Mestre em Educação/UnB*

**RESENHA:** TARDÁGUILA, Cristina. **A arte do descaso:** a história do maior roubo a museu do Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. 192 p.

No mundo das artes, o roubo de obras é um tema recorrente que levanta uma série de questões: Quem tem interesse em roubar arte? Quais são as motivações? E as implicações? O que mais atrai: o acervo público ou o privado? Este é o tema do livro *A arte do descaso*, de Cristina Tardáguila. Graduada em jornalismo pela UFRJ, a autora trabalhou nos jornais *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e na revista *piauí*. Neste seu primeiro livro, Cristina narra os passos para tentar desvendar o maior roubo de obras de arte de um museu do Brasil.

A obra, estruturada em onze capítulos e um epílogo, inclui títulos sugestivos como “*A gente só quer os quadros!*”, “*Queimaram as telas?*” ou “*Levei aos antiquários e todo mundo se interessou*”. O primeiro capítulo apresenta o cenário da ação, os personagens e as obras roubadas; o segundo fala do interesse da autora pelo caso e da personalidade do mecenas Castro Maya; o terceiro inclui, entre outros, entrevista com a diretora do museu. No quarto capítulo, a jornalista trata das providências da polícia e de seu contato pessoal com algumas testemunhas do roubo; no quinto, apresenta os suspeitos do crime e, no sexto, discorre sobre sua participação no congresso italiano da ARCA. O sétimo capítulo é dedicado à visita ao Comando Carabinieri e o oitavo, às suas pesquisas por roubos similares e recorrentes. No nono capítulo, a autora entrevista um dos suspeitos do crime e, no décimo, relata seu contato pessoal com o célebre detetive Charles Hill, da Scotland Yard. O capítulo final narra as peripécias do desaparecimento do inquérito policial. No epílogo, a jornalista demonstra sua insatisfação pelo não cumprimento do desafio a que se havia proposto, mas constata, otimista, que “Ainda dá tempo” de solucionar o caso.

Numa sexta-feira do Carnaval de 2006, um grupo de quatro homens armados entrou no Museu da Chácara do Céu, em Santa Tereza, no Rio de Janeiro e, após render quatro funcionários e cinco visitantes, roubou as telas *Marine*, de Claude Monet; *Le Jardin du Luxembourg*, de Henri Matisse; *Les Deux Balcons*, de Salvador Dalí e *La Danse*, de Pablo Picasso, além do álbum de gravuras *Toros*, deste mesmo artista. Tudo avaliado em aproximadamente 10 milhões de dólares. Passados dez anos, esse crime continua sem solução<sup>1</sup>.

Em 2011, a autora trabalhava como repórter de cultura do jornal *O Globo*. Ao verificar que, até então, o crime elencado pelo FBI como um dos dez maiores do mundo continuava insolúvel, decide mergulhar na história. Dá início, assim, a uma intensa e organizada pesquisa que se prolonga por quatro anos, incluindo entrevistas com dezenas de pessoas, como especialistas em segurança de museu, servidores do MinC e algumas testemunhas do crime.

Um de seus mais importantes passos foi viajar à Itália, em meados de 2013, para participar de uma conferência sobre roubos de arte realizada pela Arca, associação fundada em 2007 por Noah Charney, investigador americano de crimes contra o patrimônio cultural. Autor, entre outros, de *Os roubos da Mona Lisa*, Charney estabelece imediata relação entre o roubo da Chácara do Céu e o ocorrido no Isabella Stewart Gardner Museum, de Boston, em 1990: ambos os acervos foram colecionados por mecenas, os crimes ocorreram em véspera de feriado, as obras mais valiosas foram deixadas para trás e as investigações continuam sem solução.

Em sua palestra, Charney afirma que o roubo de arte é o terceiro crime mais lucrativo do mundo, porém tratado com desdém, pois é raro haver mortos nesses ataques. Além disso, arte é um produto considerado supérfluo e a vítima, sempre uma pessoa ou instituição da elite. Até a Segunda Guerra, crimes contra o patrimônio tinham motivações políticas ou ideológicas. A partir dos anos 1960, devido à popularização dos leilões de arte e suas cifras milionárias, esse tipo de delito passou a atrair a máfia e o crime organizado.

À questão “Mas, afinal quem rouba arte?”, o perito responde que o advogado holandês A. Tjihuis, professor de criminologia, fez uma pesquisa baseada em casos

---

<sup>1</sup> A Chácara do Céu, casarão modernista, é a antiga residência do empresário e mecenas Raymundo de Castro Maia e reúne em seu acervo obras assinadas, entre outros, por Volpi, Portinari, Di Cavalcanti, Modigliani, Degas, Miró e Debret, além de mobiliário luso-brasileiro, prataria e porcelanas chinesas.

solucionados na Europa, de 1960 a 2003, detectando sete perfis de criminosos, entre os quais o cleptomaniaco, o narcotraficante, o funcionário ladrão, o ladrão comum e, o mais popular de todos, o sequestrador de obra de arte.

Ao final do evento, por recomendação dos especialistas, a jornalista viaja a Roma, onde visita o Comando Carabinieri para a Tutela do Patrimônio Cultural/TPC e entrevista Giovanni Pastore, ex-comandante do órgão. Na ocasião, ele lhe apresenta *Leonardo*, o maior banco de dados sobre arte roubada do mundo. Com mais de três milhões de registros, inclusive o da Chácara do Céu, está conectado à base da Interpol, mas só pode ser acessado pelos *carabinieri*. Pastore destaca a importância do apoio de chefes de estado, ministros e legisladores à defesa do patrimônio cultural, criando um sistema de catalogação dos objetos a serem protegidos e estabelecendo ações para sensibilizar a opinião pública. Nesse sentido, vale lembrar que, no Brasil, o IPHAN mantém, desde 2006, um Banco de Dados de Bens Culturais Procurados, cuja página de busca é ilustrada, entre outras, pela obra *Le Jardin du Luxembourg*, de Matisse.

Após a viagem à Itália, a jornalista segue para Londres, onde se encontra com o detetive Charles Hill, um dos fundadores da Unidade de Arte da Scotland Yard, responsável, entre outros, por ter recuperado a tela *O Grito*, de Edvard Munch, roubada em 1994 da National Gallery, de Oslo. Para Hill, nesse tipo de ação o que importa é a obra-prima: ela tem que reaparecer e ser devolvida intacta.

Esses exemplos de eficiência contrastam com o trabalho incipiente das autoridades brasileiras na tentativa de elucidar o roubo da Chácara do Céu, a começar pelo próprio inquérito, no qual várias peças não se encaixam. Cristina aponta o despreparo da polícia federal logo após o roubo, ao alertar aeroportos e o porto do Rio sem fornecer informações como fotos, descrição e totalidade das obras. Acrescente-se o fato de as autoridades responsáveis pelo caso terem ignorado um assalto a esse mesmo museu em 1989, quando dez telas foram roubadas, incluindo a de Matisse e a de Dalí. Divulgado e elucidado em duas semanas, todas as obras foram recuperadas. Ao ligar os fatos, a jornalista sai em busca do mentor desse crime, um advogado já liberto, que nega qualquer participação no assalto de 2006.

Além disso, a autora descobre outras brechas no inquérito, como a falta de conexão, por parte da polícia, entre o crime da Chácara e o ocorrido dez dias depois no Museu da Cidade, de onde foram roubados objetos do século XIX. Some-se a

isso, entre outros, não haver qualquer registro sobre a saída das obras roubadas da Chácara, a não ser o da tela de Picasso; de a polícia ter ouvido apenas seis dos nove reféns e de não ter seguido as pistas de dois marchands franceses suspeitos.

Mas nem tudo é ineficiência: a jornalista lembra que em 2008 e 2010 a Polícia Civil de São Paulo recuperou quatro telas da Estação Pinacoteca, sendo duas de Picasso, uma de Di Cavalcanti e outra de Segall. Já no segundo, devolveu ao MASP uma tela de Portinari e outra de Picasso, sinal visível de que o país vem avançando nessa questão.

O livro *A arte do descaso* mostra a importância de uma boa investigação. Sua autora, imbuída da paixão do bom jornalista, realizou pesquisa consistente, entrevistando renomados peritos estrangeiros, analisando a fundo o inquérito policial, indo atrás de testemunhas e traçando minuciosos perfis dos personagens. Com narrativa envolvente, Cristina consegue despertar a curiosidade do leitor, suscitando reflexões sobre a deficiência dos sistemas de segurança em nossos museus e o despreparo das autoridades brasileiras em relação a esse tipo de crime. Embora sem atingir a ambiciosa meta inicial de desvendar o roubo da Chácara do Céu, restou-lhe mostrar o quanto o Brasil ainda precisa avançar nessa área.

Muito bem editado, o livro reproduz no miolo imagens do museu e das obras roubadas, apresentando ao final consistente bibliografia sobre o assunto, em sua maioria estrangeira, o que ressalta a importância desta publicação inédita em nossa literatura. Por isso mesmo, sua leitura é recomendável a museólogos, restauradores, historiadores da arte, enfim, a todos os que atuam na área de preservação do patrimônio histórico e cultural brasileiro.